

Prevalência da Cardiomiopatia Hipertrófica no Brasil: Qual é a nossa Realidade?

Prevalence of Hypertrophic Cardiomyopathy in Brazil: What is Our Reality?

Silvia Moreira Ayub-Ferreira^{1,2} 

Universidade de São Paulo,¹ São Paulo, SP – Brasil

Hospital Sírio-Libanês,² São Paulo, SP – Brasil

Minieditorial referente ao artigo: Prevalência e Caracterização do Fenótipo de Cardiomiopatia Hipertrófica Avaliado por Ecocardiografia em uma População Adulta Brasileira: O Estudo ELSA-Brasil

A cardiomiopatia hipertrófica (CMH) é uma doença cardíaca hereditária cuja prevalência é subestimada em diversas regiões do mundo. No Brasil, esse desafio também é significativo, especialmente diante da heterogeneidade da população. Nesta edição, destacamos um estudo pioneiro que investigou a ocorrência do fenótipo ecocardiográfico da CMH na coorte ELSA-Brasil.¹

Para quem não conhece, o Estudo Longitudinal Brasileiro de Saúde do Adulto (ELSA-Brasil) é um amplo estudo de coorte multicêntrico, concebido para investigar os fatores de risco para obesidade, diabetes e doenças cardiovasculares em servidores públicos brasileiros de grandes centros urbanos, com idades entre 35 e 74 anos.²

A subanálise apresentada nesta publicação incluiu mais de três mil indivíduos, a maioria com 60 anos ou mais, submetidos a ecocardiografia transtorácica. Um fenótipo definitivo da CMH, definido como espessamento assimétrico da parede do ventrículo esquerdo superior a 15 mm ou hipertrofia apical inequívoca com espessura da parede superior à dos segmentos basais³ foi identificado em aproximadamente 1,5 indivíduos por mil.

Vale ressaltar que essa prevalência pode estar subestimada, uma vez que a amostra incluiu apenas adultos mais velhos,

enquanto a faixa etária mais frequente de apresentação da doença é entre adultos jovens e de meia-idade, na faixa dos 20 aos 40 anos.^{4,5}

Em investigações epidemiológicas anteriores, baseadas em triagem ecocardiográfica, a prevalência de CMH na população geral foi estimada em aproximadamente 1 em 500 indivíduos. No entanto, estudos mais recentes, incluindo indivíduos portadores de variantes patogênicas — particularmente indivíduos com genótipo positivo e fenótipo negativo — sugerem uma prevalência maior, próxima a 1 em 200 indivíduos.⁴

Outro ponto importante foi a prevalência de condições como hipertensão, obesidade e distúrbios metabólicos. Esses achados levantam questões sobre a influência dos ambientes metabólico e hemodinâmico na expressão da hipertrofia miocárdica.⁶

Com o surgimento de terapias específicas para a CMH, se torna ainda mais crucial compreender quem são esses pacientes e como eles se apresentam no Brasil.⁴ Assim, este artigo contribui para a compreensão da CMH em nosso contexto e reforça o papel fundamental de iniciativas de longo prazo como o ELSA-Brasil,² para que possamos traduzir a ciência em políticas de saúde, diagnósticos oportunos e melhoria da qualidade de vida.

Referências

1. Bertuol Filho AA, Pereira AC, Santos ABS, Ribeiro ALP, Duncan BB, Pianca EG, et al. Arq Bras Cardiol. 2026; 123(1):e20250116. DOI: <https://doi.org/10.36660/abc.20250116>.
2. Aquino EM, Barreto SM, Bensenor IM, Carvalho MS, Chor D, Duncan BB, et al. Brazilian Longitudinal Study of Adult Health (ELSA-Brasil): Objectives and Design. Am J Epidemiol. 2012;175(4):315-24. doi: 10.1093/aje/kwr294.
3. Hughes RK, Shiwani H, Rosmini S, Augusto JB, Burke L, Jiang Y, et al. Improved Diagnostic Criteria for Apical Hypertrophic Cardiomyopathy. JACC Cardiovasc Imaging. 2024;17(5):501-12. doi: 10.1016/j.jcmg.2023.07.012.
4. Fernandes F, Simões MV, Correia EB, Marcondes-Braga FG, Coelho-Filho OR, Mesquita CT, et al. Guidelines on the Diagnosis and Treatment of Hypertrophic Cardiomyopathy - 2024. Arq Bras Cardiol. 2024;121(7):e202400415. doi: 10.36660/abc.20240415.

Palavras-chave

Cardiomiopatia Hipertrófica; Ecocardiograma; Epidemiologia.

Correspondência: Silvia Moreira Ayub-Ferreira •

Universidade de São Paulo – Av. Dr. Enéas Carvalho de Aguiar, 44. CEP

05403-000, Cerqueira Cesar, SP – Brasil

E-mail: silvia.ayub@fm.usp.br, silvia.ayub@incor.usp.br

Artigo recebido em 06/02/2026, revisado em 11/02/2026, aceito em 11/02/2026

DOI: <https://doi.org/10.36660/abc.20260100>

5. Massera D, Sherrid MV, Maron MS, Rowin EJ, Maron BJ. How Common is Hypertrophic Cardiomyopathy... Really?: Disease Prevalence Revisited 27 Years after CARDIA. *Int J Cardiol.* 2023;382:64-67. doi: 10.1016/j.ijcard.2023.04.005.
6. Maron BJ, Desai MY, Nishimura RA, Spirito P, Rakowski H, Towbin JA, et al. Diagnosis and Evaluation of Hypertrophic Cardiomyopathy: JACC State-of-the-Art Review. *J Am Coll Cardiol.* 2022;79(4):372-89. doi: 10.1016/j.jacc.2021.12.002.



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da licença de atribuição pelo Creative Commons